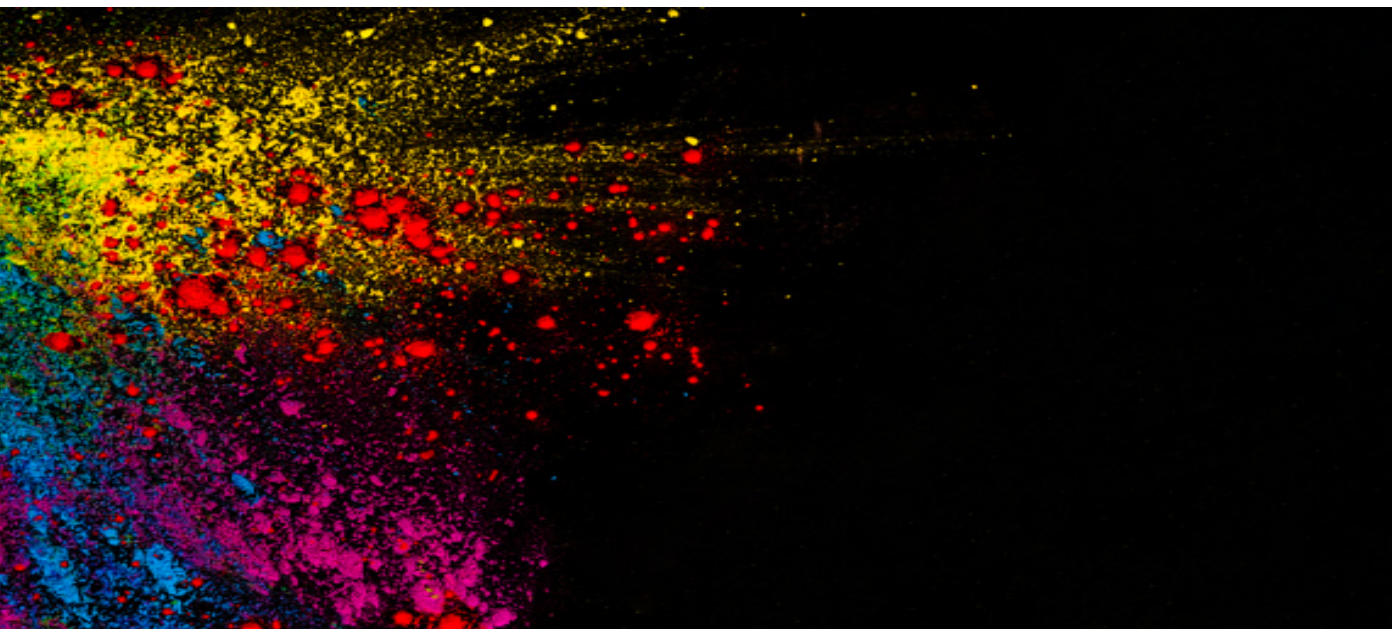


# Fascismo em psiconeurologia



Lev Semionovitch Vigotski

Traduções Voluntárias Nº 1



Arquivos digitais

## Fascismo em psiconeurologia\*

L. S. Vigotski  
(1934)

A profunda crise que tem afligido a psicologia burguesa durante as últimas poucas décadas tem assumido novas formas agudas, violentas e repugnantes, até então desconhecidas na história da ciência psicológica, após o golpe fascista na Alemanha. O novo regime tem acelerado catastroficamente o crescimento e a exposição de um grande número de tendências até então vagas, não completamente reconhecidas, mascaradas. E, como resultado, a infraestrutura básica dentro do sistema da psicologia fascista foi criada com a mais estonteante velocidade durante o ano passado. A demanda política do novo regime atua como um catalizador no processo de degeneração, de queda, que havia previamente se tornado entrelaçado à produção geral da crise e conduzido a um estado de tragédia sem precedentes.

Não há, é claro, qualquer discussão sobre a criação de uma nova psicologia em tempo tão curto quanto o que se passou desde o estabelecimento do regime fascista. O fascismo começa a penetrar a psicologia por uma via distinta. Ele rearranjou as posições da psicologia alemã colocando em primeiro plano tudo de reacionário que previamente existia nela. Mas isto apenas não bastou. Como já foi dito, também foi necessário forjar, no tempo mais curto possível, um sistema de psicologia que correspondesse à ideologia fascista como um todo.

Catálogos alemães nos campos da filosofia, psicologia e ciência pedagógica, repentinamente abundavam com títulos tais como: “Um estudo da família e hereditariedade” ou “Um estudo da raça”. As escolas idealistas mais reacionárias começaram a reavaliar seu material

---

\* Tradução para fins didáticos de: Vygotsky, L. S. (1934/1994) Fascism in psychoneurology. In: \_\_\_\_\_. **The Vygotsky reader**. Edited by R. van der Veer and J. Valsiner. Oxford UK, Cambridge USA: Basil Blackwell. p. 327-337. Entre chaves mantem-se a numeração das páginas na fonte, indicando sempre o texto subsequente. Por Achilles Delari Junior. Umua-rama-PR, 11 de Janeiro de 2020. Disponível em: [www.estimir.net/lsv\\_1934\\_fsc-pnl.pdf](http://www.estimir.net/lsv_1934_fsc-pnl.pdf)

e rearranjá-lo de tal modo que pudesse ser usado como uma base factual para a psicologia.

Spranger, um dos mais renomados e consistentes propagadores do ponto de vista burguês em psicologia<sup>1</sup> começou a situar os fundamentos para uma ideia nacionalista alemã, usado como meio a pesquisa psicológica sobre a personalidade. Contratado, logo após o triunfo fascista, os jornais anunciaram que, Spranger havia renunciado ao seu cargo na Universidade de Berlin. Mas parece que esse breve período de protesto foi agora substituído pelo zeloso serviço à causa.

Spranger sempre defendeu a ideia da existência de diferentes formas de vida em psicologia, vários tipos de personalidade. Para Spranger, estas formas de vida [Lebensformen] são, por primeiro e acima de tudo, formas nacionais. Em seu trabalho amplamente conhecido {238:} intitulado “A psicologia do adolescente”, ele diz que a estrutura da personalidade do adolescente que ele está descrevendo caracteriza um adolescente alemão. E diz que um adolescente judeu deveria exibir traços inteiramente diferentes, e na medida em queo tipo emocional russo é atribulado, apesar de evidentes similaridades, o que todos nós vivenciamos é um sentimento apreensivo de uma impactante excentricidade. Mas, ainda dentro do tipo nacional alemão, ele distingue os adolescentes educados: “nós devíamos tê-los chamado burgueses, esta descrição agora não teria se tornado um slogan político superficial”<sup>2</sup>.

Outro psicólogo alemão famoso, Ach,<sup>3</sup> abordou o problema do lançamento da psicologia fascista de outro ângulo. Se Spranger se fixa em problemas de nacionalidade, Ach decide escolher um problema mais agudo. Por muitos anos este pesquisador envolveu-se em problemas de investigação da vontade, e estudou a influência de tendências determinantes tanto nas atividades humanas internas quanto nas externas. E agora, como se redirecionou, este estabelecimento de leis da psicologia determinista [Determinationspsychologie] foi estabelecido como tendo uma aplicação fundamental ao problema do líder. Ach apresentou um texto sobre psicologia determinista e sua importância para o problema do líder num congresso de psicologia em Leipzig em 1933. Neste texto Ach explorava a pureza das origens de sua teoria. Examinava todos os estágios no desenvolvimento da psicologia determinista, começando em 1904, e chegou à conclusão de

que sua psicologia sempre havia exibido o mais definido contraste com relação à interpretação individualista liberal da vida humana.

Deste modo, duas ideias básicas se apresentaram, as quais obviamente foram chamadas a assumir um papel organizador em todo o sistema de psicologia fascista: a primeira ideia é aquela de um tipo nacional, a segunda é a do voluntarismo<sup>4</sup> e o problema do líder.

Mas os esforços mais extensivos por fundar uma psicologia fascista, foram empreendidos por um terceiro psicólogo alemão, Erich Jaensch, um cientista de renome mundial, que havia extensivamente elaborado o problema da percepção e da memória de ponto de vista eidético e psicológico<sup>5</sup>. Jaensch publicou um tratado especial intitulado **“A situação e as tarefas da psicologia: sua missão no movimento alemão e na reforma cultural”**. Em seu livro, Jaensch apresenta um sistema completo de psicologia fascista, um sistema que está apto a determinar a direção e o destino do ramo fascista da psicologia alemã para o futuro esperado. Como Ach e Spranger, Jaensch também esboça conexões diretas entre seu trabalho precoce e a psicologia fascista. Portanto, com base em seu livro, é muito fácil para nós observar a rota que estas tendências, agora reveladas em sua forma mais cínica, haviam sido seguidas na psicologia idealista alemã muito antes de seu destino vir a ser assumir a missão de servir ao movimento nacionalista alemão. E o que esta missão trouxe com ela é novo e indubitavelmente marcou um novo estágio da crise da psicologia, um estágio de inesperada, sem precedentes, e extremamente intensa degeneração do pensamento científico burguês.

O livro de Jaensch é permeado por um sentimento militante. O que o autor tinha em mente para ele era que servisse como um manifesto militarista para a criação de um novo. . . <sup>6</sup> É por esta razão que a psicologia e o movimento alemão devem marchar no mesmo passo e ao mesmo {329:} tempo a psicologia deve interpretar e iluminar, pela luz da razão, as aspirações instintivas que são postas abaixo no movimento nacionalista. Portanto, no intuito de ser apto a sustentar este decrépito idealismo, Jaensch procura encontrar novas forças para ele entre provincianos alemães, isto é, entre proprietários rurais. “O filósofo”, diz ele, [1933, p. 98], “estende sua mão ao fazendeiro”. É assim que a união da baioneta com a ideia, da psicologia científica com membros da polícia política nazista, pode ser obtida.

Usando um exemplo concreto, pode-se demonstrar como, partindo desses pontos de vista, Jaensch avança para a solução de

problemas políticos concretos e como ele tenta usar antropologia e psicologia para formar a base científica de sua política. No livro em questão, Jaensch entende ser necessário refutar opinião que havia sido atribuída a ele, que ele teria alegado que a Alemanha e a França são divididas por um abismo muito profundo que existe entre duas estruturas mentais opostas, a francesa e a alemã, e que exclui qualquer possibilidade de mútuo entendimento. No tempo atual Jaensch está preparado para admitir que, do ponto de vista antropológico, as relações entre estas duas grandes nações pode mudar para melhor. Seu raciocínio é estritamente empírico e preciso, e em seu laboratório psicológico ele está determinando os destinos de nações e suas relações com as outras, exatamente do mesmo modo que usualmente avaliaria a qualificação de um indivíduo para uma profissão. O próprio Jaensch falha por não ver o lado incrivelmente cômico de suas especulações. Mas a ausência de senso de humor provavelmente pertence aos traços essenciais que são herdados através de raça e sangue, e que são necessários para o desenvolvimento das “ideias alemãs puras”. “Toda grande nação”, proclama Jaensch,

“processa muitas estruturas. Uma nação porta não apenas aquelas estruturas mentais que aparecem como as forças dominantes em um dado período, mas outras adicionais também. No presente na Alemanha, nós estamos dedicados a reabilitar o tipo nacional básico. Este processo de revitalização consiste de amalgamar o tipo de alemão idealista com o tipo fazendeiro, que é o mais próximo do solo. Ambas as estruturas devem estar aptas a fertilizar uma a outra. O tipo fazendeiro deve ser elevado um tanto e o tipo idealista tem que ser incrementado e reforçado desde baixo. Na linguagem da tipologia integral isto significa uma composição de estruturas. Se outras nações também procederem do mesmo modo, seguirão o caminho que temos demarcado para elas, e revisarão suas estruturas dominantes, então alemães e franceses estarão aptos para compreender uns aos outros. Toda nação incorpora dentro de si grande desenvolvimento potencial” [ibid., p 29-30]

É difícil acreditar que estas linhas foram escritas na quarta década do século vinte. É difícil de acreditar que o próprio autor acredite seriamente e sua própria ideia de reconstrução das relações entre nações com base em fórmulas psicológicas integrais. Mas Jaensch faz

tudo que esteja em seu poder para persuadir-nos de que suas ideias são inteiramente sérias. Ele não está apenas fingindo, ele genuinamente acredita em tudo isso.

Enquanto isso, definindo a esfera dos problemas psicológicos, ele preenche esta esfera exclusivamente com aqueles problemas que, sob diferentes circunstâncias e em outros tempos, deviam ser tomados de um sistema fantástico de ideias, sintomático de alguma sorte de paranoia. Mas que, efetivamente, representa a linguagem científica de política fascista real. Como {330:} nós já comentamos, de acordo com Jaensch, a primazia de todas as ideias pertence ao movimento nacionalista. A psicologia deve marchar no mesmo passo que o movimento alemão. A antropologia psicológica é a mais importante fonte para a filosofia da realidade e a construção científica da política. Raça e sangue, sangue e raça – isto é o que fundamenta tudo no mundo. Uma linha de conexão direta traça todos os caminhos, da estrutura do sistema vascular de alguém até a sua filosofia de vida. Os cientistas estão começando a pensar de uma maneira militarista – drasticamente, diretamente e decisivamente. Onde nós encontramos uma ausência de lógica, lá começa a filosofia do imperativo.

Oh, afortunada Alemanha! Por ela não seguiriam o conselho de Skalozub<sup>7</sup> de enviar seu primeiro sargento<sup>8</sup> para aprender como tornar-se um Voltaire. Ao invés disso, os próprios Voltaires fascistas voluntariamente transformaram a si mesmos em primeiros sargentos do movimento nacionalista alemão.

Assim o que nós agora estamos observando é o desenvolvimento de uma antropologia de primeiro sargento e uma política de primeiro sargento. As relações entre várias nações são determinadas pelo fato de que nas fundações de diferentes culturas residem várias estruturas mentais características das pessoas que pertencem a um tipo nacional específico. A mais recente peça de sabedoria da filosofia fascista a ser declarada é o antropomorfismo crítico, de cujo ponto de vista Jaensch examina todos os problemas básicos do regime fascista. Como nós temos visto, ele já logrou resolver as questões básicas da política alemã, tanto interna quanto externa, do ponto de vista da tipologia integral. A união indissolúvel entre filósofo idealista na cidade e proprietário rural no campo já opera justo como tal fórmula antropológica. Falando em termos simples, esta fórmula significa que o filósofo alemão deve tornar-se totalmente permeado pela ideologia do kulak.<sup>9</sup> Este é o real significado, no jargão de Jaensch, da construção desde

baixo incrementando o tipo alemão idealista. O fazendeiro deve acreditar no filósofo quando ele diz que as políticas que são para seu interesse estão sendo conduzidas com base em noções e fórmulas providas pela química tipológica, que seus interesses egoístas serão satisfeitos por um retorno à forma original do idealismo alemão, e que ele corresponde a uma renascença espiritual de toda a humanidade.

Vendo a situação do ângulo desta ideia básica, Jaensch resolve o problema do relacionamento entre indivíduo e estado. Ele vê o significado do golpe fascista na Alemanha como uma luta entre duas estruturas, uma das quais obteve vitória sob o signo da suástica e propôs transformar o geral (o estado) em uma totalidade orgânica, construída de acordo com as leis da antropologia psicológica, baseada na pureza da existência física da nação, e na base de uma fórmula comum de sangue e estrutura mental. Mas o antropomorfismo crítico não poderia abarcar tanto. Mesmo aos olhos de Jaensch, ele não tinha a habilidade para compreender, com a mais desarmada simplicidade, acessível a qualquer mente mediana de fazendeiro de puro sangue alemão, a simples verdade de que relações internacionais são determinadas por estas mesmas fórmulas. Durante cada período, um tipo de estrutura mental se torna o traço determinante do caráter nacional. O mais elevado tipo e o mais honroso caráter é, obviamente, {331:} o alemão. É por esta razão que o antropomorfismo crítico não está interessado no problema do ser humano em geral, mas apenas no ser humano alemão.

Com a ajuda de argumento muito simples Jaensch obtém sucesso, usando exatamente a mesma técnica lógica de delírio sistematizado, em provar que a missão do espírito alemão é conduzir a humanidade adiante. Para isso ser realizado alguém apenas tem que lembrar que diferentes estruturas mentais, vários tipos de personalidade, atingem sua mais nítida expressão entre certos grupos etários do desenvolvimento humano. Que afortunada coincidência: isto reverte em que o tipo humano superior, isto é, o tipo alemão fascista, corresponde, de acordo com esta fórmula química, ao tipo juvenil, que é caracterizado por um perpétuo impulso adiante em direção à aquisição da perfeição da humanidade. De acordo com Jaensch, isto constitui o significado do movimento alemão e o propósito da psicologia alemã, cujo único desejo é traduzir os instintos biológicos do fascismo militante para a linguagem da consciência científica.

Tudo isso continua pertencendo essencialmente ao domínio da trivialidade – apenas continua a delinear um programa para resolver os problemas mais prementes da política mundial usando métodos do laboratório psicológico e, assim, a providenciar uma base política científica para a política. Continua a explicar estas fórmulas tipológicas libertadoras para todas as nações do mundo e, assim sendo, a estabelecer a santidade da baioneta fascista e o poder da ideia alemã na linguagem do idealismo realista. Mas tudo que resta para nós é examinar a base metodológica interna desta sandice sistematizada. Jaensch é forçado a executar várias operações tortuosas sobre o corpo vivo da psicologia alemã para confirmar definitivamente a supremacia do fascismo naquela esfera da ciência que havia sido posta sob sua guarda. Afinal de contas, a psicologia científica alemã havia se desenvolvido ao longo de séculos. Ela havia conseguido congregiar dentro de si não só as coisas que o fascismo achava útil apropriar para suas necessidades, mas também muito que constitui enorme aquisição real em conhecimento científico autêntico. Cada pedra incluída ao edifício da psicologia científica clama contra este monstruoso desvario que Jaensch tenta converter em psicologia científica. Como resultado, um conhecimento científico genuíno no campo da psicologia precisa ser liquidado. Dentro do sistema da divisão política fascista do trabalho, foi atribuída a Jaensch a tarefa de levar adiante a mesma destruição no domínio das ideias científicas psicológicas que já havia sido conduzida no plano da política racial. Como é bem conhecido, a Alemanha depois do triunfo fascista perdeu seus melhores, mais progressistas e cientificamente avançados, psicólogos. Como Jaensch está firmemente convencido do fato de que todo poder reside no idealismo realista, e de que as ideias que não têm o apoio das baionetas não são dignas de um centavo, a única coisa que resta a ele é esboçar conclusões ideológicas sobre as repressões políticas efetivas.

Jaensch assumiu esta tarefa com um arrebatamento e determinação de um filósofo-primeiro sargento. Ele não pode deixar de admitir que a psicologia passava por um período de séria crise. Mas uma crise implica certo conflito ideológico; contudo, Jaensch não está preparado para basear seu argumento apenas na força das ideias. Ele é um oponente de qualquer idealismo que seja insubstancial e apartado da realidade, e esta é a razão pela qual ele decide lidar com o problema da crise em {332:} psicologia de modo militar, em duas batidas como estas: primeiro, de fato lá existia uma crise, Jaensch declara, mas ela



fora superada e ninguém poderia dizer que ela fosse contemporânea. Segundo, não havia crise, por fim. Era uma crise metodológica e não teórica. Desde que a psicologia elementar de Ebbinghaus colidiu com a psicologia estrutural de Dilthey, a psicologia associativa não foi teoria viva por muito tempo e era apenas usada como um método de pesquisa em oposição à psicologia estrutural. Este é o porquê de a psicologia alemã da Gestalt ter essencialmente lutado contra fantasmas quando se opôs a teoria atomística da mente. Ela defendia uma teoria contra um método.

Jaensch dita uma opinião verbal de um amigo inglês seu, que o havia assegurado que não há nada neste movimento de ideias psicológicas, que de modo algum é a mais progressista de todas as tendências psicológicas de nosso tempo, que não tem nada além do já contido no trabalho de Stout e Sherrington. A ideia do todo que determina as partes é uma ideia primordial da psicologia alemã. Ela não exclui, mas pressupõe a psicologia elementar. A unidade da psicologia pode ser reconstruída com facilidade mágica. Jaensch ensina-nos a não dizer “ou isso ou aquilo”, mas “tanto um quanto o outro”.

Jaensch devia estar apto a lidar com a psicologia da Gestalt que, incidentalmente, tinha nos últimos anos não apenas perdido seu fundador Wertheimer, um dos mais destacados psicólogos contemporâneos, mas está agora representada na Alemanha por apenas uma pessoa.<sup>10</sup> Então onde a psicologia da Gestalt estava errada? Como Jaensch já havia tentado provar há muito tempo, esta teoria é inconsistente devido ao seu materialismo, sua tendência a uma abordagem monista das estruturas psicológicas. Jaensch sempre havia resistido fortemente à ideia de que as estruturas não são puramente construções mentais e ao objetivo científico de unir a psicologia teórica com a fisiologia e a física teórica. Possivelmente, ele possuía algumas velhas pendências a resolver com esta teoria. Por um longo tempo seus representantes haviam abertamente suspeitado do caráter estritamente científico da pesquisa de Jaensch, que sempre mostrara uma tendência a dissolver-se num mar infinito de brumas idealistas. Eles chamam sua pesquisa por seu nome real. Eles o reprovavam por seu diletantismo e por sua prontidão, a qualquer momento, para ser infiel ao conhecimento científico preciso e à verdade científica em nome de ideias pré-concebidas. Como o tempo mostrou, eles não foram suficientemente visionários, não foram capazes de suspeitar quão longe Jaensch acabaria indo ao longo da estrada.

É claro que Jaensch não está contra a física. Pelo contrário, como nós vimos, ele diz que é impossível penetrar as profundezas da estrutura mental da personalidade sem o uso de uma forma rudimentar de física.<sup>11</sup> Sangue e raça determinam a pureza das ideias. Em certo sentido, Jaensch foi muito além de Köhler na redução do psicológico ao físico. E, essencialmente, ele protesta ainda menos contra a tendência de compreender os fenômenos psicológicos à luz da biologia. Ele apenas demanda um diferente tipo de física e um diferente tipo de biologia.

Jaensch diz que a reaproximação entre os domínios psicológico e físico deve ser obtida não na esfera das bem conhecidas estruturas físicas, mas antes na esfera de leis físicas particulares aplicáveis à mente. Princípios teleofórmicos [teleoform] da física e processos particulares, fenômenos mnemônicos na {333:} natureza inorgânica, devem emergir para o primeiro plano aqui. Em linguagem simples, o que isto significa é que não é a física materialista científica, mas as distorções idealistas da teoria física, que devem tornar-se o lugar no qual os fenômenos físicos e psicológicos se encontram nos seres humanos. Como temos visto, Jaensch permanece totalmente fiel ao real-idealismo. É necessário teleologizar e mnemonizar o físico para justificar e legalizar o ponto de vista do sangue e raça na antropologia psicológica.

Além disso, ele acusa a psicologia da Gestalt de não diferenciar entre as várias formas do todo e que, no domínio da biologia, ela não se baseia no psicovitalismo de Driesch e Becher.<sup>12</sup> Jaensch tem necessidade da biologia vitalista tanto quanto da física idealista. Portanto, esta teoria conduz ao declínio dos níveis e, em princípio, ela une estruturas psicológicas e físicas. Ele está falsificando um tanto os fatos quando diz que Koffka reduz o problema do desenvolvimento e Lewin o problema da vontade (como todos os outros níveis superiores) ao nível dos processos elétricos.

Entretanto, Jaensch não vê o princípio básico da psicologia da Gestalt – o princípio da totalidade – com desdém. Ele apenas assume que este princípio deve ser feito para servir à causa fascista. Ele sente que é sua missão tornar-se o fundador e o proponente de uma teoria do sangue e da raça. E a forma superior de totalidade é a personalidade, onde tudo é indissolúvel e combinado em um todo integral de tal maneira que se os traços hereditários de raça e sangue são dados, então o mundo ideológico da personalidade é dado junto a eles.

Para atingir um quadro completo, tudo que nos resta é determinar o sangue e a raça deste novo sistema psicológico que Jaensch está defendendo. Ele mesmo nomeia seus antecessores. Como seria de se esperar, desde bem no início, ele estabelece que não menos do que 99 por cento deles são psicólogos alemães. A principal linha do idealismo alemão, diz Jaensch, advém do místico Eckhardt e da mística alemã, através de Leibniz, Kant, Fechner, Helmholtz, Wundt, Külpe e Brentano, em uma ininterrupta linha reta conservadora até a psicologia fascista e ao próprio Jaensch. Aqui nós temos o passaporte espiritual que ele emitiu para si mesmo.

Resumimos brevemente a situação em que a psicologia fascista se encontra e o escopo de suas metas mais importantes, e como suas tarefas foram delineadas no manifesto militante fascista de Jaensch. Deixamos de lado o aspecto filosófico do sistema, apresentado no livro de uma maneira resumida e abreviada, mas que foi tratado de maneira mais detalhada em seus trabalhos iniciais, escritos antes do golpe. Num futuro próximo, nós pretendemos examinar os fundamentos de sua antropologia filosófica mais de perto, porque nós assumimos que não é realmente um dos objetivos do presente artigo incluir qualquer criticismo científico e análise sérios deste manifesto por causa da natureza das ideias que ele contém. Não apenas porque elas não requerem qualquer criticismo científico, mas porque elas excluem a possibilidade de tal coisa. Objetar e contestar as visões de Jaensch de modo significativo resultaria no mesmo que tentar refutar impérios loucos com argumentos lógicos.

{334:}

Porém no presente momento não podemos ajudar, mas estarmos interessados nas duas seguintes questões; primeiramente, na questão da ligação interna entre estas estruturas científicas absurdas e a crise geral que tem lugar no pensamento psicológico burguês<sup>13</sup> e, em segundo lugar, em um esclarecimento daquelas contribuições fascistas originais deram para o desenvolvimento posterior da psicologia burguesa. À guisa de conclusão, estas são exatamente as duas questões que nós gostaríamos de examinar.

Seria ingênuo pensar que estas estruturas absurdas não estão de modo algum ligadas com a crise geral que ocorre na psicologia burguesa e que a psicologia burguesa de modo algum é responsável por

estas construções. Sobretudo, até mesmo os impropérios de um paciente psiquiátrico tendem a ter algumas conexões com sua personalidade pré-mórbida. De fato, é justo nessa manifestação de aguda e putrefata decomposição do pensamento científico que este processo de declínio, o qual durante décadas críticas conduziu o pensamento psicológico a um beco sem saída, manifesta-se numa forma hipobúlica. Essencialmente, o sistema de Jaensch é construído sobre os mesmos fundamentos metodológicos que todo o resto da psicologia burguesa. Ela representa uma integração do idealismo com o mecanicismo, similar à tipológica integração que Jaensch gostaria de ver na unificação do filósofo alemão com o fazendeiro. Alguém apenas precisaria remover um dos blocos de sustentação, e toda estrutura de Jaensch imediatamente começaria a cair por terra. A unificação do mecanicismo com o idealismo em uma entidade fascista singular constitui o alfa e o ômega de toda a metodologia do sistema de Jaensch. Toda a contribuição original de sua construção é limitada à sua combinação destes dois elementos de uma nova maneira. Enquanto na maioria das outras escolas psicológicas estes elementos, desconhecidos dos próprios autores, são entrelaçados um ao outro, Jaensch realiza uma total e completa unificação, ambos dentro do escopo e do significado que é inerente a cada um destes princípios.

Sem este monstruoso mecanicismo ele não seria capaz de erguer o idealismo desde baixo e puxar um único fio do sangue e da raça até o mundo das ideias. Contudo, sem um idealismo igualmente monstruoso ele terminaria desamparado frente à sua tarefa, que é esconder a face brutal da antropologia fascista por trás da máscara da mais perfeita personalidade alemã que o mundo jamais havia visto.

Reduzir mecanicismo e idealismo a um denominador comum, reunindo os mais elementares processos físicos e químicos do organismo humano com as funções superiores da consciência, inevitavelmente pressupõe outro erro, que levou a um monstruoso extremo. Mas que é, essencialmente, inerente em maior ou menor grau a todas as falhas da psicologia burguesa, notadamente a rejeição da natureza social do homem. A sociologia é completamente deixada de fora do sistema de Jaensch. É apenas raça e sangue que imediatamente determinam a estrutura da personalidade e através dela também a política. Aqui, também, tudo o que Jaensch faz é levar ao extremo e tratar com informalidade cínica o que já é parte dos reais fundamentos da pesquisa científica burguesa. Ele disse abertamente na linguagem das

perseguições políticas. Ele se propôs de modo cínico e inequívoco a fundar uma união {335:} entre cientistas e membros da polícia política nazista, uma união da baioneta e da ideia. Jaensch proclamou abertamente e cinicamente o que outras pessoas tentaram esconder ou ter consciência de modo meramente subjetivo. Ele apenas disse aquilo que outras pessoas estavam pensando, o pelo menos o que elas estavam fazendo. Ele teria dito que ser um cientista burguês significa servir as necessidades da burguesia, necessidades que surgem durante um dado período histórico, e lutar usando as armas da ciência, por aquelas metas políticas que emanam dos problemas atuais. Ele disse que não há tal coisa como uma ciência que seja apolítica e que exista fora da política.

Depois de tudo isso, é surpresa que o a primeira tentativa tenha se tornado tão mal sucedida e tão cruel? A tarefa de Jaensch não era tão fácil, i.e. reverter todas as verdades científicas que haviam sido acumuladas através de eras e que haviam sido alcançadas pelos esforços da humanidade. Jaensch levou adiante sua tarefa ao modo de um primeiro sargento e não pareceu estar, sobretudo, preocupado com tal fato. Enquanto tenta nos presentear com um tipo ideal alemão na atrativa forma de super-homem, tudo o que ele realmente consegue fazer é apresentar o que Nietzsche chamou *die blonde Bestie*<sup>\*</sup>, a face selvagem do nacionalismo zoológico.

O aspecto positivo do livro de Jaensch é que ele decidiu desistir de todo fingimento. Hipocrisia diplomática só poderia causar danos no tempo desta final e decisiva batalha, a maior e a mais justa que a humanidade jamais conheceu ao longo de sua história. Dois mundos e dois sistemas ideológicos agora se erguem ao extremo um contra o outro. O livro de Jaensch, juntamente com o resto da psicologia fascista, pode não enfraquecer-se mas levar a uma terrível intensificação da luta de classes na ciência em geral e no campo da psicologia em particular. Isto coloca uma carga de responsabilidade especialmente pesada nos ombros da psicologia soviética. Ela agora tem que focar sua mente em seu fronte internacional estrangeiro, ao qual anteriormente não havia dado suficiente atenção. Nesta luta, seus aliados incluem não somente os proletários alemães, mas todos os proletários do mundo. Estão se aproximando tempos em que se tornará claro até para uma pessoa cega que, enquanto as pessoas sobre um sexto da superfície da terra estão lutando pela libertação da humanidade e

---

\* Do alemão "a besta loira". [Nota minha – AD]r

pela conquista de tudo que é realmente superior, novo e sem precedentes na história da humanidade, quando uma após outra das nações oprimidas estão unificando a vanguarda da humanidade, no campo burguês a consciência das pessoas continua a ser moldada com os fragmentos de uma ressuscitada Idade Média.

\* \* \*

## Notas\*

Texto primeiro publicado como “Vigotski, L. S. (1934) Glava IV. In: Vigotski, L. S.; Giliarovski, V. A.; Gurevitch, M. O.; Krol’, M. B.; Shmar’ian, A. S.; et al. (eds.) **Fashism v psikhonevroguui**. Moskva, Leningrad: Gosudarstvennoe Izdatel’stvo Biologuitcheskoi i Meditsinskoi Lireraturi. p. 18-28”. Esta foi uma brochura escrita, após os nazistas tomarem o {336:} poder em 1933, por cientistas judeus que trabalhavam ou estavam ligados ao Instituto de Medicina Experimental Pan-soviético, em Moscou. A contribuição de Vigotski ocupou 11 das 28 páginas. Lendo a brochura pode-se perceber que – a despeito das enormes diferenças – houve alguma similaridade entre o estado nazifascista e o sistema comunista totalitário de 1934 (que pode não ter escapado da atenção de Vigotski). O papel da propaganda de estado, a pesada pressão ideológica, as tentativas de distinguir entre a ciência útil e inútil, o terror geral, eram muito similares. Mas o esfacelamento moral comum aos dois sistemas foi mais vívida e inadvertidamente trazida por um dos outros autores, que sugeriu que a ênfase nazista na raça e hereditariedade foi refutada pelas bem sucedidas tentativas soviéticas na reeducação de pessoas no projeto Canal do Mar Branco (no qual milhares de prisioneiros políticos morreram de fome e de frio).

1. Vigotski estava bem familiarizado com a obra de Eduard Spranger e frequentemente se referia ao seu livro sobre adolescência e à sua concepção geral de uma psicologia

---

\*Todas as notas que se seguem são dos editores da tradução para língua inglesa e expressam posições e visão de mundo dos mesmos, pelas quais não sou responsável. Mas as mantenho para que os leitores em português façam sua própria avaliação e também por conterem alguns conteúdos objetivos de caráter informativo, potencialmente úteis a todos. [Nota minha – ADJr.]

hermenêutica (Verstehende). Spranger distinguia seis tipos básicos de personalidade (a teórica, a econômica, a estética, a social e a religiosa), cada uma das quais incorporada em certo modo ou forma de vida (Lebensform). Ver: “Spranger, E. 1930. **Lebensform**. 7 ed. Halle: Max Niemeyer Verlag”. Embora esteja totalmente claro que Vigotski foi crítico de muitas ideias de Spranger, até o presente texto ele nunca havia prestado atenção para as assim chamadas visões burguesas de Spranger.

2. Ver p. 28 de Spranger, E. 1927. **Psychologie des Jugendalters**. Jena: Fischer Verlag.
3. O trabalho de Narziss Ach e seus seguidores representou um papel fundamental no próprio trabalho de Vigotski e Sakharov sobre a formação de conceitos na infância, na adolescência e na esquizofrenia. O congresso em Leipzig, 1933, foi o primeiro encontro da Sociedade de Psicologia Alemã após os nazistas tomarem o poder. Ver também a próxima nota.
4. A teoria que toca tal realidade é definitivamente a da natureza da vontade ou de que a vontade é fator primário na experiência (Webster). Em seu dicionário psicológico Vigotski e Boris Varshava declararam que, em psicologia, Wundt, Dilthey, Lipps, Stumpf, Münsterberg e outros aderiram a esta teoria. Ver: “Varshava, B. E. e Vigotski, L. S. 1931. **Psikhologuitcheskii slovar'**. [Dicionário psicológico]. Moskva: Gosudarstvennoe Utchebno-Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo. p. 41-42”.
5. Por algum tempo, Vigotski – e muitos dos soviéticos contemporâneos – foram mais entusiásticos quanto às ideias de Erich E. Jaensch (1882-1940) sobre a memória eidética (ou ‘memória fotográfica’). Vigotski apresenta uma elaborada discussão sobre a imagem eidética e a interpretação de Jaensch quanto a ela em: “Vigotski, L. S. 1930. Eidetika. In: Vigotski, L.; Gellershtein, Fingert, B. e Shirvindt, M. (eds.) **Osnovnie tetchnia sovremennoi psikhologii** [Principais tendências na psicologia contemporânea]. Moskva: Gosudarstvennoe Izdatel'stvo. p. 178-205.” Neste artigo, Vigotski enfatiza que ele considera o fenômeno da imagem eidética, visto como um estágio normal no desenvolvimento da memória, é de imensa importância para a compreensão do desenvolvimento da memória, e declara que o fenômeno estava demonstrado para

além da dúvida razoável. Ele fundamentalmente discorda, contudo, da tendência de pensamento geral (idealista) de Jaensch e de sua interpretação dos dados objetivos. No presente texto ele está discutindo, principalmente “Jaensch, E. 1933. **Die Lage lind die Aufgaben der Psychologie, ihre Sendung in der deutschen Bewegung und an der Kulturwende.** [A situação e as tarefas da psicologia, sua missão no movimento alemão e na reforma cultural]. Leipzig: Barch.” Neste famoso panfleto Jaensch descreve o que ele via como {337:} elementos saudáveis e não saudáveis no pensamento psicológico e o papel que ele deve desempenhar no estado nazista. Jaensch era de fato o melhor exemplo de um psicólogo bem conhecido que abraça a visão de mundo nazista e, no 13º Congresso da Sociedade Alemã de Psicologia, realizado em Leipzig de 16 a 19 de outubro (após os nazistas tomarem o poder), ele era um dos principais palestrantes junto com Felix Krueger que deu boas vindas aos novos eventos. Nesta fala, tanto quanto, Jaensch contrastou a mentalidade judaica com a genuína mentalidade alemã, que ele via enraizada na mentalidade dos fazendeiros. Para detalhes, ver “Graumann, C. F. (ed.) 1985. **Psychologie im Nationalsozialismus.** Berlin: Springer.”

6. Aqui duas páginas foram perdidas do (de nossa cópia do) manuscrito original.
7. Tenente Skalozub é personagem de peça do século 19 “Miséria da mente”\*, escrita por A. Griboiedov. Ele representa o elemento militar canastrão, conservador [nota do tradutor]\*\*.
8. Aqui e no que se segue, Vigotski está usando uma apropriada russificação da palavra alemã “Feldwebel” por primeiro sargento. Ela proporciona uma ênfase irônica/sarcástica para a tendência alemã em direção a uma liderança totalitária em todos os níveis da sociedade (exército), especialmente no mais baixo (uma vez que o papel do Feldwebel era diretamente treinar os soldados de um modo altamente rígido e disciplinado).
9. Esta é a única vez em que Vigotski se refere ao conceito de “kulak” e sua “ideologia kulak”. Ver o capítulo 10 de Van der

---

\* No Brasil com um título interpretativo: “A infelicidade de ter demasiado espírito”, de Aleksandr Griboiedov. [Nota minha – AD]r.]

\*\* Este aviso entre colchetes sugere que o tradutor do russo ao inglês não foi autor das outras notas, as quais supõe-se serem dos editores. [Nota minha – AD]r.]



Veer e Valsiner (1991)\* para obter um pano de fundo da terminologia e o envolvimento de Vigotski e Luria com o fenômeno dos “kulaks”.

10. Dos líderes do movimento da Gestalt, Kurt Koffka (em 1927), Max Wertheimer (em 1933) e, finalmente, Wolfgang Köhler (in 1935), todos migraram para os Estados Unidos para escapar da ameaça nazista. Isto significa que enquanto Vigotski escrevia este ensaio, a psicologia da Gestalt estava representada por apenas uma pessoa, que era Köhler. Outros que deixaram a Alemanha ou a Áustria foram os Bühler, Duncker, Gelb, Goldstein, Lazarsfeld, Lewin, Selz, os Stern e muitos, muitos outros. Para uma descrição do papel de vários psicólogos proeminentes durante o regime nazista, ver “Graumann, C. F. (ed.) **Psychologie im Nationalsozialismus**. Berlin: Springer”.
11. Vigotski está se referindo ao livro de Wolfgang Köhler no qual foi desenvolvida a ideia de que tanto fenômenos físicos como os psíquicos tem basicamente a mesma estrutura ou Gestalt. Ver “Köhler, E. 1920. **Die physischen Gestalten in Ruhe um im stationären Zustand**: Eine naturphilosophische Untersuchung. Braunschweig: Freidr. Vieweg & Sohn”.
12. H. Driesch e E. Becher foram os principais representantes da assim chamada corrente mecanicista ou materialista. O debate era, essencialmente, sobre a possibilidade e viabilidade do reducionismo em biologia. Ver, por exemplo, “Driesch, H. 1921. **Philosophie des Organischen**. Leipzig: Engelmann”.
13. Para esta ocasião, Vigotski está falando sobre a crise na psicologia burguesa, mas em numerosas outras publicações ele deixa claro que esta crise era internacional e permeava a ciência russa também.

---

\* Refere-se a “Van der Veer, R.; Valsiner, J. (1991) **Understanding Vygotsky: a quest for synthesis**. Oxford: Basil Blackwell.”